

## A Microsociologia de Bernard Lahire e a Pesquisa em EaD: por uma Leitura Singular das Trajetórias de Ensino Superior a Distância no Estado de Goiás

*Bernard Lahire's Microsociology and Research in Ead: through a Unique Reading of the Trajectories of Higher Distance Education in the State of Goiás*

Fernando Lionel QUIROGA\*

Valéria Soares de LIMA

Eude de Sousa CAMPOS

Valter Gomes CAMPOS

Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Anápolis - Brasil.

\* fernando.quiroga@ueg.br

**Resumo.** Em face dos diversos temas que constituem o campo da EaD no cenário educacional brasileiro, percebe-se, ainda, uma lacuna teórico-conceitual acerca das trajetórias e experiências dos estudantes desta modalidade. Neste sentido, trata-se de uma demanda crucial não somente para aprimorar os aspectos inerentes às tecnologias e aos processos de ensino (didática, metodologias e abordagens), como também subsidiar dados que podem orientar as formulações de políticas públicas destinadas a este segmento. Nosso objetivo, portanto, consistiu em demonstrar a relevância e urgência de uma compreensão singular dos aspectos que constituem a experiência em EaD nas trajetórias individuais e de que modo a perspectiva microsociológica de Bernard Lahire (2017) pode contribuir na constituição de um *corpus* teórico que dê conta desta realidade. Este aspecto inaugural instaura, por assim dizer, a demanda por uma compreensão refinada dos processos que exigem do estudante uma reconfiguração dos espaços domésticos, relativos a uma “arte de fazer” e que incidem de modo decisivo na melhoria das condições de vida do Estado de Goiás.

**Palavras-chave:** Educação a distância. Ensino superior. Microsociologia. Trajetórias. Metodologia de pesquisa.

**Abstract.** In view of the various themes that constitute the field of distance learning in the Brazilian educational scenario, a theoretical-conceptual gap can still be seen regarding the trajectories and experiences of students in this modality. In this sense, it is a crucial demand not only to improve the aspects inherent to technologies and teaching processes (didactics, methodologies and approaches), but also to support data that can guide the formulation of public policies aimed at this segment. Our objective, therefore, was to demonstrate the relevance and urgency of a unique understanding of the aspects that constitute the distance learning experience in individual trajectories and how Bernard Lahire's (2017) microsociological perspective can contribute to the constitution of a theoretical corpus that provides account of this reality. This inaugural aspect establishes, so to speak, the demand for a refined understanding of the processes that require the student to reconfigure domestic spaces, related to an “art of doing” and that have a decisive impact on improving the living conditions of the State of Goiás.

**Keywords:** Distance education. University education. Microsociology. Trajectories. Research Methodology.

Recebido: 26 /03/2024 Aceito: 10/02/2025 Publicado: 07/04/2025

Editores Responsáveis: Daniel Salvador/ Carmelita Portela

## 1. Introdução

A modalidade a distância no contexto brasileiro é vista, ainda, como um divisor de águas. Há, de um lado, um conjunto de representações de caráter positivo, alinhado a ampliação do acesso; a flexibilidade de tempos e horários; a autonomia do estudante; ao alcance regional que a modalidade atinge; a oportunidade formativa destinada as camadas menos favorecidas da população etc. E há, de outro lado, um conjunto de representações de caráter crítico, em que se problematiza a questão da qualidade do cursos; a efetividade da formação; o efeito da “inflação dos diplomas<sup>1</sup>”, a precariedade resultante da tensão entre o mercado – cuja expansão

---

<sup>1</sup> Expressão de Pierre Bourdieu em “Classificação, Desclassificação, Reclassificação”, ao refletir sobre a desproporção entre as aspirações que o sistema educacional oferece e as oportunidades que realmente assegura – frustrando, no mundo do trabalho, aqueles que apenas conseguiram um diploma, mesmo na ausência de uma formação suficiente.

desenfreada tem despertado um alerta ao Ministério da Educação<sup>2</sup> – e a dimensão pública; a precarização relativa ao reconhecimento dos profissionais envolvidos na modalidade, especialmente os tutores<sup>3</sup>; dentre outros.

Diante deste dualismo de opiniões que compõe o campo da EaD no contexto brasileiro, dualismo que estabelece uma dialética também no âmbito da pesquisa, como nos apontamentos nada otimistas de Patto (2013) que vincula a EaD à falência da educação, quanto aqueles que, como Feenberg (2017) procuram dar um salto qualitativo na modalidade destacando a importância, tanto de professores quanto de alunos, em orientar a tecnologia educacional para o seu aprimoramento, emerge o desafio por uma compreensão mais aprofundada dos seus aspectos constitutivos, no sentido da elaboração de um programa que tenha como meta dirimir os obstáculos e desafios inerentes a esta modalidade.

Percebe-se, assim, que a tensão existente da modalidade a distância se deve ao forte poder de atração da iniciativa privada, que tem exercido forte poder de *lobby* nos espaços da política, aumentando exponencialmente a oferta de cursos, contra uma menor parte destinada as universidades públicas. A preocupação quanto a qualidade dos cursos, neste sentido, tem se tornado central no resgate correspondente a esta modalidade. Nesta direção, Casagrande et. al. afirmam:

(...) é igualmente necessário reconhecer o trabalho comprometido desenvolvido por muitas IES públicas, que levam educação de qualidade socialmente referenciada aos rincões do país – um público que não teria acesso a uma universidade federal, por exemplo, fora do contexto da modalidade (considerando a grande extensão territorial brasileira). Uma EaD que efetivamente democratiza o acesso ao Ensino Superior, cujo princípio central é o desenvolvimento humano, em sua mais ampla concepção, e que dispõe de quadro docente qualificado, valorizado e posicionado sociopoliticamente (CASAGRANDE, et. al. 2022).

Na contramão deste modelo, os cursos oferecidos pelo poder público tem sofrido as consequências negativas advindas do caráter mercadológico atribuído a esta modalidade. E o preconceito, portanto, assombra o trabalho de qualidade que visa promover, de fato, o ensino e socialmente referenciado.

Diversos aspectos tanto corroboram e acentuam este cenário, quanto abrem caminhos para a pesquisa mais aprofundada sobre a modalidade. São eles: a) a insuficiência de uma leitura exclusivamente de base estatística; b) a cisão entre o poder público e o mercado; c) a necessidade de abordagens investigativas sobre os impactos da modalidade nas trajetórias

---

<sup>2</sup> Segundo levantamento realizado pelo Inep, o ensino pela modalidade a distância aumentou 189,1% entre 2018 e 2022 como efeito da flexibilização decorrente do Decreto 9.057 de Michel Temer.

<sup>3</sup> A bolsa para tutores pela Universidade Aberta do Brasil – UAB – é de R\$ 1.100,00. Um valor abaixo, inclusive, que o salário mínimo, que é de R\$ 1.320,00, mensais.

individuais; d) a análise acerca das configurações e reconfigurações a partir das diversas experiências singulares na modalidade a distância.

## 2. Metodologia

O presente ensaio é o resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e de caráter teórico. Apresentado na forma de ensaio, trata-se de uma investigação acerca da contribuição da microssociologia aplicada ao campo da educação a distância (EaD). Pelo caráter propositivo do estudo – em que se visa argumentar a favor de um programa científico em benefício da EaD –, tal investigação apoia-se tanto nas experiências empíricas dos próprios pesquisadores, todos com ampla trajetória no campo da EaD na região Centro-Oeste do Brasil, quanto na leitura especializada e crítica da perspectiva metodológica em discussão. Além disso, considera-se a realidade institucional da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em especial o papel desempenhado pelo Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR), como ponto de partida para compreender as relações existentes entre o perfil dos estudantes para além dos dados estatísticos. Dessa forma, busca-se abrir um campo de investigação que contribua para a construção colaborativa e em rede de uma visão ampliada da EaD, inspirando práticas que atendam à diversidade do público-alvo e às especificidades do território nacional.

## 3. Resultados e Discussão

### 3.1. A insuficiência de uma leitura exclusivamente estatística

Em razão do franco aumento da modalidade a distância no contexto brasileiro – aspecto que tem chamado a atenção de especialistas e tem acendido um alerta do Ministério da Educação – deve-se considerar à tensão existente entre, de um lado, a oferta de cursos pela universidade pública, que prima pela excelência e qualidade dos mesmos; e de outro, pelo potencial do mercado privado, que tem se beneficiado da flexibilização da lei em favor da abertura e expansão deste mercado. Conforme dados do Inep (2022), a educação superior pela modalidade a distância teve um aumento de 474% entre os anos 2011 – 2021, enquanto que os ingressantes em cursos presenciais diminuiu 23,4%. No último censo, publicado em 10/10/2023, os dados do Inep apontam para o crescimento da modalidade, que chegou a 3 milhões de ingressantes em 2022, na contramão da modalidade presencial, em que tem se observado uma queda no número de matrículas, com exceção para o ano de 2022, em que se observou um aumento no número de alunos nesta modalidade, chegando a 1.656.172. (INEP, 2023). Segundo dados do censo, nos cursos de licenciatura na modalidade a distância os número demonstram uma diferença significativa entre a rede privada, responsável por 93,7%, contra a rede pública, responsável por

22,2% da oferta. O curso de Pedagogia aparece à frente, sendo responsável por 49,2% das matrículas – pouco mais de 821 alunos.

Estes dados colocam-nos diante do cenário da educação à distância no contexto brasileiro e permitem diversas reflexões sobre os rumos da distribuição do ensino superior, lançando-nos o desafio de uma maior compreensão dos problemas decorrentes do forte crescimento pela iniciativa privada, responsável por uma expansão desenfreada de oferta, chegando a superar, em 2021, o número de matrículas em EaD sobre o modelo presencial no âmbito das IES privadas.

De acordo com Scudeler e Tassoni (2023):

(...) essa tendência deve ser mantida nos próximos anos, especialmente quando se analisa o número de ingressantes. Os dados no Inep (2022) indicam que em 2021, de um total de 3,94 milhões de ingressantes no segmento da educação superior (tanto pública como privada), 1,46 milhão de estudantes optaram por cursos presenciais, enquanto 2,47 milhões escolheram cursos na modalidade EaD, o que representa 62,8% dos ingressantes naquele ano (SCUDELER e TASSONI, 2023).

Na conclusão destes autores, tal aumento se deve especialmente a ausência de uma política pública mais eficaz quanto a garantia de acesso e permanência de alunos com perfil socioeconômico vulnerável, abrindo espaço para que a iniciativa privada, por meio da oferta de cursos a preços acessíveis, se colocasse no protagonismo da expansão do ensino superior brasileiro. Democratização que adquire, neste contexto, um sentido ambíguo entre uma concepção da educação pública, gratuita e de qualidade, contra uma concepção com forte apelo mercadológico.

Neste sentido, a EaD se constitui em um complexo campo de disputas. Evidentemente, tal dualidade se manifesta na produção de sentidos e interpretações nem sempre convergentes no âmbito da pesquisa. Pois, se de um lado há aqueles que vêm na modalidade uma tendência que deve se consolidar ao longo do século – especialmente se considerado o cenário da inovação tecnológica e o caráter potencial da inteligência artificial (I.A) e do metaverso -; há aqueles que tem levantado questões, não menos importantes, acerca do temperamento neoliberal e as consequências de uma formação alicerçada nos pressupostos do capitalismo avançado.

Desta forma, embora os dados estatísticos mostrem sinais claros do ensino superior brasileiro, é necessário que se leve em conta a experiência do aluno em sua singularidade, bem como compreender a fundo que sentidos se depreendem desta modalidade quanto ao seu poder transformador na vida de milhares de pessoas. Assim, para além dos números que expressam a distribuição do ensino superior por meio das modalidades presencial/EaD, bem como a natureza pública ou privada das IES, encontra-se a trajetória do aluno a que devem-se incluir as aspirações pessoais, o desejo na obtenção de um título superior, sobretudo em um país marcado pela desigualdade social e educacional, dentre outros aspectos que permanecem à margem dos dados estatísticos. Assim, torna-se essencial, seguindo a orientação de pesquisa de Bernard Lahire, compreender que outros sentidos se depreendem na formação por meio da modalidade

a distância. Trata-se, sem dúvida, de um campo de pesquisa em aberto, dada a diversidade regional e cultural a que se destinam os cursos desta modalidade.

A hipótese que sedimenta esta demanda se deve especialmente aos relatos obtidos de alunos que veem na EaD a única possibilidade real de obterem um diploma de ensino superior. Neste sentido, faz-se necessária uma compreensão mais refinada acerca dos processos que compõe o planejamento dos estudos, os arranjos familiares na inclusão dos estudos, os esforços na conciliação entre trabalho e o estudo, os obstáculos, a persistência, dentre outros elementos que transcendem a razão técnica do ensino simultâneo, próprio da forma escolar<sup>4</sup>. No modelo da EaD, seguindo a trilha de Michel de Certeau (1996), os processos educacionais revestem-se de uma “arte de fazer” em todo já distante das representações que fazemos da escola. Entre o ingresso ao curso e a formação, que a estatística compreende pela proporção de número de matrículas/número de formados, existe a “trajetória” marcada por uma diversidade de aspectos que expressão estatística não dá acesso. Como observa Certeau a respeito:

Dessa água regulada em princípio pelas redes institucionais que de fato ela vai aos poucos erodindo e deslocando, as estatísticas não conhecem quase nada. (...) Para dar conta dessas práticas, recorri à categoria de “trajetória”. Ela deveria evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico e acrônico (CERTEAU, 1996, p. 97-98).

É no hiato entre a matrícula e o diploma o ponto de incidência onde a abordagem microssociológica pode lançar luz sobre aspectos até aqui negligenciados e que podem ser decisivos para a reflexão acerca dos processos pedagógicos e didáticos da educação a distância.

### 3.2. A cisão entre o poder público e o mercado

Há um embate, como mencionamos acima, entre o poder público e o mercado no tocante a oferta de cursos pela modalidade a distância. Neste sentido, as universidades públicas possuem um agravante decorrente da própria estrutura de quadro de servidores – ainda pautada nos moldes da universidade presencial – cuja modalidade a distância nem sempre conta com um quadro de especialistas, detentores de um *savoir faire* específico para dar conta das demandas emergentes neste contexto. Na contramão, a iniciativa privada, cuja estrutura de trabalho se molda aos interesses do mercado, dispõe não somente de profissionais especializados em

---

<sup>4</sup> Diversos relatos da experiência em EaD compõe uma riqueza de cenários e situações que merece ser investigada, especialmente no sentido de uma leitura mais atenta em face dos mecanismos de aproximação com a trajetória de vida do estudante.

tecnologia, como possui maior capital para investir em condições materiais e técnicas para o desenvolvimento das plataformas educacionais.

Tal aspecto é acentuado pelo poder de *lobby* que os representantes dos grandes conglomerados empresariais do ramo exercem sobre a tomada de decisões acerca das políticas públicas, o que termina por fragilizar, ainda mais, as condições pela oferta de cursos de qualidade pelas IES públicas. De acordo com dados do MEC, por meio do Inep, um terço dos cursos EaD teve nota abaixo da média no Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) relativo ao ano de 2022. Entre os 10.000 cursos avaliados, somente 5,5% alcançaram a nota máxima. Das 1.700 instituições analisadas, correspondendo a 86% da iniciativa privada e 14% públicas, 3,7 % dos cursos EaD atingiram a nota máxima, calculada em 5. Mais de um terço, 33,7% ficaram com o conceito 1 e 2, contra 28% dos cursos presenciais (INEP, 2023). Neste universo, as universidades públicas (federais e estaduais) asseguraram sua hegemonia quanto à qualidade, tendo mais estudantes com notas 4 e 5, enquanto que na iniciativa privada há maiores índices entre os conceitos 2 e 3.

Tais dados colocam-nos diante do desafio de uma leitura mais atenta acerca da modalidade a distância, justamente porque o centro do problema não se reduz a uma questão de formato, mas de processo. A modalidade a distância, se pensada sob a perspectiva da universidade pública no tocante ao tripé: ensino, pesquisa e extensão; se planejada a partir do reconhecimento de seu público alvo; se atenta aos diversos canais de comunicação com seus alunos, fóruns de tira-dúvidas etc.; se favorece o aprofundamento em estudos avançados; se atenta às razões que podem levar à evasão, não tem porque constituir em um problema em si. Como mostram os dados, é uma questão de tempo para que não haja diferença – como já ocorre em diversas realidades – na nota do ENADE entre as modalidades presencial e a distância. Desta forma, o maior desafio da modalidade a distância não diz respeito ao seu formato, mas ao preconceito que é corroborado pela conotação que esta assume em face do controle que a iniciativa privada assumiu sobre a modalidade em razão do elevado potencial lucrativo a investimentos de baixíssimo custo.

### **3.3. A necessidade de abordagens investigativas sobre os impactos da modalidade nas trajetórias individuais**

Neste imbróglio, em que a modalidade a distância se constitui como um campo de disputas cujas preocupações centrais concentram-se entre a qualidade (IES públicas) e quantidade (IES privadas), emerge uma necessidade, cada vez mais patente, de um conhecimento aprofundado sobre as condições de vida e as formas pessoais que os estudantes desenvolvem para “sobreviver” a este formato. Não sob dados estatísticos, já que uma literatura bastante expressiva tem se debruçado sobre o tema, mas, sobretudo, pelo conhecimento das formas particulares de planejamento que permitem ou inibem os alunos a persistirem nos cursos EaD.

Uma das razões que mais chamam a atenção e que, de alguma forma, mais tem preocupado os estudiosos no assunto é o fenômeno da desproporção entre matrícula/evasão. Um fenômeno

que serve de orientação para a compreensão de outros elementos que podem tanto ser, para usar uma expressão de Lahire, as “razões do improvável” quando se trata de sucesso escolar, quanto podem dar uma “explicação” sobre o fracasso, e permitem, assim, reflexões direcionadas a buscar respostas aos problemas.

A perspectiva metodológica de inspiração na microsociologia de Bernad Lahire parece garantir, nesta direção, o expediente conceitual necessário para que se possa lançar luz sobre as questões aqui apresentadas. É porque “cada indivíduo é uma sociedade” (Lahire, 2017, p. 87), que esta abordagem evidencia seu potencial diante de uma público que é aparentemente invisível. Nesta perspectiva, Lahire abre uma porta para um universo desconhecido em razão das macro explicações, especialmente de base estatística, que buscavam lançar luz aos assuntos da escolares a partir das teorias da reprodução de Pierre Bourdieu e Claude Passeron. Em suas palavras:

Ao se pretender à análise dos hábitos mais singulares do social, a sociologia em escala individual se inscreve na longa tradição sociológica que, de Émile Durkheim a Norbert Elias, passando por Maurice Halbwachs, pretende relacionar de forma cada vez mais engenhosa a economia psíquica aos quadros da vida social. Um estudo desse tipo supõe que o pesquisador se dote de instrumentos conceituais e metodológicos adequados. (...) O que se inaugura aqui é o campo de uma sociologia que se esforça para não negligenciar as bases individuais do mundo social e que estuda os indivíduos transpondo diferentes cenas, contextos, campos de força etc. (LAHIRE, 2017, p. 67).

Assim, nesta abordagem metodológica o mundo social consiste no diálogo das dimensões interiores e exteriores do sujeito, isto é, reside no ponto de intersecção entre os aspectos que são decisivos na escrita das trajetórias de vida e que nem sempre correspondem aos números expressos estatisticamente. É por meio da análise destas trajetórias de vida que se pode obter, mais de perto, uma leitura sobre os efeitos de como noções mais rígidas incidem sobre os indivíduos e que se diluem no tecido social produzindo sentidos diversos. Neste sentido, as aspirações, desejos e sentimentos são variáveis tão importantes e necessárias quanto aquelas consideradas objetivas, como as condições econômicas e materiais e de desempenho acadêmico. A sociologia em escala individual, neste sentido, surge como método complementar à leitura proposta por Bourdieu e Passeron entre os anos 1960-1970, cuja base fundamentava-se basicamente por meio de dados estatísticos, com o objetivo de problematizar o discurso sobre o dom. Neste sentido, e mesmo considerando que, neste contexto, a tendência é de uma reprodução da estrutura social por meio da transmissão cultural proveniente da família, Lahire observa, em seu estudo mais famoso, a existência de outros aspectos relevantes, embora invisíveis estatisticamente, que permitem a compreensão do sucesso escolar nas camadas menos favorecidas. A esse “mistério a ser elucidado”, Lahire elabora as seguintes questões/pistas sobre o plano subjacente somente visto a partir de uma aproximação do olhar:



(...) são as diferenças internas aos meios populares suscetíveis de justificar variações, às vezes consideráveis, na escolaridade das crianças? O que pode esclarecer o fato de que uma parte delas, que tem probabilidade muito grande de repetir o ano no curso primário, consegue escapar desse risco e até mesmo, em certos casos, ocupar os melhores lugares nas classificações escolares?” (LAHIRE, 1997, p. 12).

A assimetria observada por Lahire, entre a explicação oriunda de dados estatísticos e a trajetória escolar, cujas variações apresentavam um desalinhamento tanto em relação ao sucesso quanto ao fracasso, fez com que outros elementos, somente vistos sob um processo de aterrissagem a realidade local, fossem incluídos enquanto variáveis que, em seu conjunto, poderiam dar uma resposta mais efetiva acerca do fenômeno educacional. Deste modo, é preciso salientar que, embora a perspectiva de uma sociologia em escala individual pode oferecer um rico repertório metodológico na compreensão dos aspectos relacionados à educação a distância em solo brasileiro, deve-se levar em conta outros aspectos, relativos a esta modalidade, que nem sempre aparecem de modo tão nítido. São eles: i) a ausência de necessidade de exposição presencial de pessoas mais velhas que pretendem obter uma formação, mas que não o fariam em razão do etarismo<sup>5</sup>; ii) a viabilidade de formação de pessoas que sofrem constrangimento ou violência doméstica e/ou de gênero; iii) a possibilidade real da obtenção de um diploma em tempos e espaços flexíveis; iv) a oportunidade de formação em nível superior, oportunidade subtraída para uma camada expressiva da população brasileira, e o desejo de aprimoramento das faculdades intelectuais etc.

Estas e outras características, como se pode ver, transcendem aquelas vinculadas à escola em seu formato tradicional, ainda mais quando vinculamos a EaD ao conceito (questionável ou não) de “aprendizagem ao longo da vida<sup>6</sup>”. A perspectiva investigativa por meio da sociologia em escala individual, neste sentido, transcende o conceito de capital cultural, especialmente a partir da formação e profissão dos pais como elemento nuclear na formação, justamente porque, ao se tratar de ensino superior, outras dimensões – e não somente aquelas que se ligam diretamente à família – passam a ocupar a centralidade no poder de decisão dos estudantes implicados nesta modalidade. É necessário, para tanto, um estudo de imersão no sentido de captar os rearranjos domésticos na vida particular destes sujeitos no sentido de compreender, por meio das

---

<sup>5</sup> Etarismo é o preconceito baseado na idade da pessoa. Recentemente, em um caso que ganhou forte repercussão, uma aluna de 44 anos relatou um episódio traumático em que um grupo de alunas a teria hostilizado antes da apresentação de um trabalho. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2023/03/5080009-chorei-muito-diz-universitaria-humilhada-por-ter-mais-de-40-anos.html>. Acesso em 06/11/2023.

<sup>6</sup> Na Organização das Nações Unidas (ONU) o conceito de “aprendizagem ao longo da vida” aparece como um objetivo central de desenvolvimento sustentável e consta na agenda das metas a serem alcançadas até 2030. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em 06/11/2023.

configurações e reconfigurações familiares, o impacto da formação em EaD como uma possibilidade que inaugura, na árvore genealógica, a formação em nível superior.

Em um dos poucos estudos que operam com tal abordagem, Reis e Lopes (2019) verificaram a partir de 4 casos singulares, a experiência da formação de EJA pela modalidade a distância. Dentre os principais resultados, os autores destacaram que:

Os sujeitos desta pesquisa, a partir de suas vivências e das particularidades de suas trajetórias, foram se conscientizando da necessidade de **romper com certos determinantes sociais**. As dificuldades da vida e a vontade de superação os mobilizaram ao retorno e à conclusão dos estudos, e isso lhes deu autoestima, autoconfiança e perspectiva para poderem melhorar suas vidas (REIS e LOPES, 2019, p. 177 – grifo nosso).

Tal é o desafio, anunciado na conclusão destes autores, quanto a força motriz que faz com que, apesar das inúmeras dificuldades, estes alunos vejam na educação a única forma de transformação de suas vidas? “Que força é essa que leva as pessoas a romperem com determinantes sociais” é a pergunta que nos deixam tais autores em tom de perplexidade. É preciso considerar os significados da escola/universidade em sua acepção mais ampla. Como toda instituição, a escola/universidade é um conceito polissêmico, onde ao menos dois conjuntos de representações são dela constitutivos: de um lado, seu poder transformador: a escolarização como potência transformadora, destinada à emancipação da consciência e ao desenvolvimento do cidadão crítico e reflexivo; de outro, a escola como instituição adstrita aos condicionantes externos, uma máquina ideológica a serviço dos interesses do poder econômico. Dessa linha tênue, marcada por contradições, realidade e sonhos, utopia e distopia, encontra o seu destinatário na figura do estudante. E é preciso que a pesquisa chegue até ele com a mais honesta das intenções científicas. Afinal, para além da construção crítica acerca da escola/universidade, ela segue sendo – basta olharmos ao nosso redor – a única instituição promotora de transformação social; a única instituição que mais se aproxima do ideal democrático; a única que se ocupa, com a máxima seriedade de seus profissionais, do preparo intelectual e profissional das novas gerações; a única que sobrevive – e permanecerá sobrevivendo – aos ataques do neoliberalismo. A educação em sentido genérico, e mais especialmente, a educação a distância (EaD) é uma modalidade a ser decifrada. Há algo mais profundo do que os dados nos mostram até aqui, e que pode ser ventilado por meio de um mergulho em “escala individual”.

### 3.4. Configurações e reconfigurações a partir das diversas experiências singulares na modalidade a distância

O que nos dizem as diversas trajetórias que passaram pela modalidade da educação a distância? Quais são as aspirações destes estudantes? Quais são suas motivações, desafios, principais

obstáculos? O que significa o diploma para estas pessoas? Em uma palavra, qual é o perfil deste público?

No contexto brasileiro, em que aproximadamente  $\frac{1}{3}$  da população encontra-se abaixo da linha da dignidade, enquadrando-se na categoria do que, segundo Jessé Souza (2019), chamou de “ralé brasileira”, o ensino a distância constitui uma porta de esperança à busca por uma vida melhor. Na obra organizada por este sociólogo - cuja metodologia apoia-se nos estudos de Bourdieu e Lahire - Lorena Freitas discute, por meio de duas trajetórias escolares, os processos envolvidos tanto na esfera familiar, quanto na esfera escolar, que contribuem para o sentimento de rejeição que culmina no fracasso escolar e que reverbera na vida profissional e adulta dos indivíduos. Segundo a autora, a “má-fé institucional” percebida no funcionamento da escola é responsável pela invisibilidade a que são submetidos estes alunos, deixando-os à margem da dimensão transformadora da escola. Neste sentido, embora a escola possua, em sua estrutura, uma interface reprodutora do *status quo*, ela admite, ao mesmo tempo e por razões que merecem um mergulho mais aprofundado, uma interface transformadora - abrindo uma margem para o que Lahire nomeou de “as razões do improvável”.

É preciso reconhecer que, em um contexto de intensa desigualdade social, econômica e cultural, as dificuldades encontradas para a própria sobrevivência podem, em alguns casos - e em razão de experiências escolares traumáticas anteriores - tanto silenciar motivações pela continuidade nos estudos, quanto impulsioná-las em ritmo de superação. Há, aqui, tanto aspectos psicológicos quanto espirituais e religiosos, responsáveis pela inquietação intelectual de prosseguir nos estudos. Mas o que chama a atenção é que, em um contexto em que as possibilidades de alocação no mercado de trabalho são reais (alguns setores, como o das tecnologias digitais, mostram-se em franco crescimento), tais motivações tendem a se tornar ainda mais concretas. A hipótese sociológica que pode estar na base da motivação é o efeito reflexo promovido por aqueles que, nos círculos sociais diversos, alcançaram o sucesso superando as dificuldades. Os exemplos do cotidiano, as diversas histórias de vida que compõem o tecido social são o que talvez constitua, nesta hipótese, o principal indutor em busca da superação das dificuldades.

Descobrir e classificar, portanto, as características dos processos singulares que servem de base no enfrentamento das desigualdades e que encontram no ensino a distância a oportunidade necessária para suprir as aspirações de cursar o ensino superior e, quem sabe, subir um degrau na escala social, esse é o desafio que se coloca, de um lado, no âmbito do poder público e, de outro, no âmbito da investigação científica. A análise sistemática das possibilidades e arranjos que viabilizam a continuidade nos estudos serve tanto para compreender mais a fundo esta dimensão da realidade brasileira, quanto para subsidiar elementos na tomada de decisões de políticas públicas.

A experiência do Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) constitui um disparador central para a tese apresentada, na medida em que exemplifica como a educação a distância (EaD) pode alcançar comunidades historicamente marginalizadas. A capilarização da EaD nos interiores do estado revela mais do que números: ela traz à tona histórias, desafios e aspirações que dão rosto e voz a uma parcela significativa da

população brasileira que busca, no ensino superior, uma oportunidade de transformação social e econômica.

Os diversos percursos escolares dos estudantes da EaD, especialmente em regiões interioranas, oferecem um panorama rico para compreender as nuances do público atendido. Suas motivações vão além do simples desejo de obter um diploma; elas incluem a busca por reconhecimento, autonomia financeira e a superação de barreiras impostas por contextos de exclusão social e desigualdade. Para muitos, o diploma é a materialização de um sonho coletivo, um símbolo de resistência e o passaporte para um futuro mais digno. Em um país onde cerca de um terço da população vive abaixo da linha da dignidade, como aponta Jessé Souza (2019), o ensino a distância se apresenta como uma janela de esperança para superar o que ele denomina "ralé brasileira".

No entanto, essas aspirações convivem com obstáculos significativos. Entre as dificuldades relatadas pelos estudantes estão as condições socioeconômicas adversas, a precariedade da infraestrutura educacional e a falta de apoio pedagógico e emocional. Paralelamente, aspectos como experiências escolares traumáticas anteriores e a "má-fé institucional" (Freitas, 2019) agravam os desafios de permanência e conclusão do curso. Apesar disso, a EaD se mostra como um espaço onde as "razões do improvável", de Lahire, encontram terreno fértil. É nesse contexto que muitos estudantes conseguem superar adversidades, impulsionados por exemplos de superação em suas comunidades e pela promessa de uma mobilidade social.

A análise dessas trajetórias aponta para a importância de investigar não apenas os dados quantitativos sobre os estudantes da EaD, mas também os aspectos qualitativos de suas experiências. Que fatores emocionais, sociais, espirituais ou até mesmo econômicos influenciam a decisão de iniciar e persistir em um curso a distância? Como as políticas públicas podem responder a essas questões de forma mais assertiva? E, sobretudo, como transformar a EaD em um espaço de real inclusão, onde o sonho do ensino superior se torne uma realidade concreta para mais brasileiros?

Ao aprofundar-se nesse universo, o CEAR e iniciativas similares desempenham um papel crucial. Não apenas como instituições de ensino, mas como motores de transformação social, elas contribuem para a construção de uma rede que possibilite ampliar o acesso ao ensino superior em todo o território nacional. Assim, a EaD, em sua capilaridade, surge como um laboratório vivo, uma plataforma onde se materializam os sonhos e desafios de uma população que, apesar das adversidades, persiste em sua busca por uma vida melhor.

#### 4. Conclusão

A herança teórica que, desde os anos 1970, especialmente por meio das teorias reprodutivistas, tem se colocado ao alcance de uma interpretação crítica da escola, inclusive permitindo, *mutatis mutandi*, comparações com outras regiões do globo, como no caso brasileiro, e especialmente em face da EaD, deparamo-nos com outra demanda; um nível distinto de problema que exige da




pesquisa uma posição que esteja tanto atenta aos dados estatísticos quanto aos detalhes relativos ao impacto que a modalidade a distância tem na vida das pessoas. Isto porque, se nos atentarmos para o fato de que a EaD tem como propósito central chegar às camadas menos favorecidas da sociedade, a questão abre uma lacuna quanto a interpretação do fenômeno, justamente porque a temática toca diretamente no ponto inaugural quanto a formação em nível superior de um número expressivo de pessoas. Neste sentido, há uma lacuna quanto à compreensão dos processos pelos quais este formato chega à casa de milhões de brasileiros e de que modos são por eles recebidos.

Desta forma, as histórias de vida por meio das diversas trajetórias de ensino superior a distância constituem um *corpus* a ser construído teoricamente, de tal forma a permitir uma maior aproximação entre o que é pensado, não somente em termos de políticas públicas, quanto em termos metodológicos e didáticos. Desta forma, é fundamental que, para dar conta de uma leitura mais atenta da realidade, haja uma compreensão acerca das nuances que constituem as diversas classes sociais - não reduzindo tal classificação à variável meramente econômica. Para tanto, são valiosas as contribuições que Jessé Souza tem desenvolvido acerca de seus esforços por uma leitura radicalmente nova da realidade brasileira.

Assim, é fundamental que a leitura acerca do ensino superior brasileiro abandone a tradição elitista de suas origens e passe e mergulhe na realidade brasileira em sua total complexidade. Aqui, inaugura-se um campo a ser descoberto; manifesta-se um Brasil desconhecido, silenciado, e invisibilizado historicamente. Desta forma, a perspectiva macrosociológica pode contribuir de modo substantivo na construção deste conhecimento que se coaduna, apesar dos avanços e retrocessos, com a construção do próprio país.

Finalmente, o presente estudo aponta para a necessidade de corresponder ao desafio de compreender mais a fundo os impactos da EaD a partir da realidade institucional que abriga os autores deste artigo, a Universidade Estadual de Goiás, por meio do Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR). Atualmente o CEAR (Decreto Estadual nº 9.593, de 17 de janeiro de 2020) se constitui como órgão acadêmico executivo integrado à estrutura da Reitoria e tem como objetivo principal o desenvolvimento de um novo paradigma de EaD da Universidade Estadual de Goiás (UEG), de modo capilarizado em diversas unidades e polos espalhados pelo estado. Assim, o estudo aprofundado de seu público não somente tem como objetivo conhecer mais a fundo as relações existentes entre o perfil do estudante para além das características expressas estatisticamente, como também no sentido de abrir um campo de investigações que possa inspirar uma construção, em rede, da realidade da EaD em todo o território nacional.

## Biodados e contatos dos autores

	<p>QUIROGA, F. L. é professor do Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Goiás. Completou o seu doutorado na Universidade Federal de São Paulo. Seus interesses de pesquisa incluem teoria crítica e tecnologias digitais, sociologia da educação, políticas educacionais, educação e sociedade com destaque para educação e tecnologias. Participa dos grupos de pesquisa: Direitos Humanos, Educação e Políticas Públicas / DHEPP – UEG; GEPEDI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão - UEG ; GRUPO DE PESQUISA POLÍTICAS EDUCACIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES / GPEFORP – UEG; LECCE - Letramentos, Cultura, Conectividade e Educação - UEG .</p> <p>ORCID: 0000-0003-4172-2002</p> <p>E-mail: fernando.quiroga@ueg.br</p>
	<p>LIMA, V. S. é docente efetiva da Universidade Estadual de Goiás (UEG), vinculada ao Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR), atuando na modalidade de Educação a Distância (EaD). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a pesquisadora desenvolve estudos nas áreas de <b>gênero, sexualidade e corpo</b>, além de <b>educação, tecnologia e inovação educacional</b>. Participa de projetos de pesquisa relacionados a essas temáticas, tanto na UFMS quanto na UEG.</p> <p>ORCID: 0000-0003-0822-7077</p> <p>E-mail: valeria.lima@ueg.br</p>
	<p>CAMPOS, E. S., é docente efetivo vinculado ao Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sendo este o órgão executivo-acadêmico que desenvolve a Educação a Distância na Universidade. O pesquisador é doutor pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Seus interesses de pesquisa incluem Educação, Saúde, Gestão, Ciências Biológicas, com destaque para a Educação a Distância e Metodologias de Ensino. Participa de Projetos de Pesquisa na UEG e em parceria com a PUCGoiás.</p> <p>ORCID: 0000-0002-2655-7021</p> <p>E-mail: eude.sousa@ueg.br</p>



CAMPOS, V é docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG), vinculado ao Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR), o qual é o órgão executivo-acadêmico que desenvolve a Educação a Distância na Universidade. Completou seu doutorado na Universidade Federal de Goiás (UFG). Seus interesses de pesquisa incluem ética, direitos humanos, educação superior, educação a distância, avaliação institucional, política e gestão educacional, com destaque para a Educação a Distância e Políticas Públicas. Participa dos projetos do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Educação e Políticas Públicas – DHEPP, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino e Aprendizagem em Rede – GEPEAR e da Câmara de EaD/UAB e Tecnologias Educacionais.

ORCID: 0000-0002-1959-7236

Contato: 55 62 98441-7392

E-mail: valter.campos@ueg.br

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Censo da Educação Superior: Ensino a distância cresce 474% em uma década. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ensino-a-distancia-cresce-474-em-uma-decada> Acesso em 09/11/2023.

CASAGRANDE, A. L.; MAIESKI, A.; ALONSO, K. M. As contingências e condições objetivas da “eadização” do ensino superior presencial. *Educação & Sociedade*, 43, nov. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Cz8ghbJjvmPsKwh6zcs8VPj/#> Acesso em 08/11/2023.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORTELAZZO, A. L.; ELISEI, C de C. A. Desempenho dos estudantes de cursos presenciais e a distância no Enade em 2015, 2016 e 2017. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. 30(14), 207-231, jan./mar., 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/grVFCbvX6XLqt6BXMg6M5WP/?lang=pt> Acesso em 08/11/2023.

FEENBERG, A. *A Polêmica Educação Online e o Futuro da Universidade*. Springer Science+Business Media Dordrecht, dezembro de 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322197682\\_A\\_polemica\\_educacao\\_online\\_de\\_Andrew\\_Feenberg/link/5a4ada6a0f7e9ba868affbb9/download](https://www.researchgate.net/publication/322197682_A_polemica_educacao_online_de_Andrew_Feenberg/link/5a4ada6a0f7e9ba868affbb9/download) Acesso em 09/11/2023.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, B. Dossiê. Visser, R.; Junqueira, L. (Orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

SCUDELER, M. A.; TASSONI, E.C.M. A educação a distância como estratégia de captação de alunos após a redução da oferta do Fies. Avaliação: Revista da Avaliação Superior (Campinas), 28, Julho, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/aval/a/HB77JwX6yxHqGM4LR5mW9Db/#:~:text=Ano%20ap%C3%B3s%20a%20redu%C3%A7%C3%A3o%20da%20oferta%20do%20Fies,de%20alunos%20nos%20cursos%20presenciais.&text=E%20essa%20tend%C3%Aancia%20deve%20ser%20analisada%20o%20n%C3%BAmero%20de%20ingressantes>

Acesso em 08/11/2023.

PATTO, M. H. S. O ensino a distância e a falência da educação. Educ. Pesqui. 39 (2), 303-318. Abril, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/dddbR9B35pCZYM3nxJB47Pz/abstract/?lang=pt>

Acesso em 08/11/2023.

REIS, G. A; LOPES, C. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A DISTÂNCIA: IMPEDIMENTOS E SUPERAÇÕES. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 28, n. 55, p. 162-182, maio 2019. Disponível em

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-70432019000200162&lng=pt&nr\\_m=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432019000200162&lng=pt&nr_m=iso) Acesso em 06 nov. 2023. Epub 14-Out-2020. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2019.v28.n55.p162-182>

SOUZA, J. A ralé brasileira: quem é e como vive. (colaboradores André Grillo et. al.) São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.

#### COMO CITAR ESTE TRABALHO

ABNT: QUIROGA, F. L. A Microsociologia de Bernard Lahire e a Pesquisa em EaD: por uma Leitura Singular das Trajetórias de Ensino Superior a Distância no Estado de Goiás. **EaD em Foco**, v. 15, n. 1, e2217, 2025. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v15i1.2217>